

O dia em que comemos Maria Dulce



Antônio Mariano

O dia em que comemos Maria Dulce  
Contos

**FICÇÕES**

Copyright © Antônio Mariano  
Projeto gráfico Alonso Alvarez  
Revisão Paulo Bentancur

*Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional Dos Editores De Livros, RJ  
N671m

---

Mariano, Antônio.

O dia em que comemos Maria Dulce / Antônio Mariano. - São Paulo :  
Ficções Editora Ltda, 2015.  
124p. : 21 cm

Índice

ISBN 978-85-62226-26-7

1. Conto brasileiro. I. Título.

12-7690.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

22.10.12 29.10.12

040066

2015

Direitos de publicação reservados à

**FICÇÕES EDITORA LTDA.**

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

[www.ficcoes.com.br](http://www.ficcoes.com.br)

[editora@ficcoes.com.br](mailto:editora@ficcoes.com.br)

## Sumário

Prefácio, 9

### *Contos*

A construção do silêncio, 17

Herói interrompido, 29

Estas imagens, 37

Olhos no chão, 41

Três cruzeiros, 47

Chocolate quente, 53

Veneno do arrependimento, 59

Observação interrompida sobre as aranhas, 65

O dia em que comemos Maria Dulce, 69

Entre o nariz e o beijo, 81

O poeta, 89

Seguindo Alice, 97

Imensa asa sobre o dia, 103

Referências das epígrafes usadas, 119

Sobre o autor, 121



Para  
*Mariano Francisco de Lima, pai;*  
*Marluce Francisca de Oliveira, mãe;*  
*Ivo Limeira de Lima, filho,*  
*histórias de ontem e de amanhã.*

## A construção do silêncio

*Vida silenciosa, gente singular, cada um cuidando de seus medos, boiando nesse amolecimento que o silêncio traz, quase uma tristeza, mas por trás de tudo isso tem uma polia invisível que une todo mundo e faz a gente, mesmo sem saber, dançarino desse silêncio.*

Geraldo Maciel<sup>1</sup>

### I

Foi a primeira vez que papai me procurou para uma conversa. Ontem. Dez anos depois que me casei, tive filhos. Sempre nos falamos, trocamos visitas, mas apenas pela necessidade ou obrigação de parecermos normais, como em qualquer família. Sim, para cultivar essa necessária hipocrisia, concluo, amargamente. Me espantaria se fôssemos uma exceção.

Até meus vinte anos, quando então convivia com aquela gente, nossa comunicação se dava, sem nenhum exagero, nestes termos: a bênção noturna e matinal que os filhos tomavam, subordinada à concessão dos pais, quando bem-humorados. A relação entre irmãos era mais restrita: a gente se falava, instintivamente, para solicitar algo de outro – o açucareiro no café da manhã,



por exemplo – ou à luz das broncas e dos protestos sem destinatário certo. Ao me tornar senhor de um ceticismo que mantenho até hoje, por mim estavam abandonadas as bênçãos, completo e definido o nosso cotidiano, que durou até o dia de meu casamento, quando saí de casa, sendo seguido depois por Carlos, o irmão do meio, que foi morar com um amigo. Dulce, a caçula, nunca quis sair de casa.

## II

Ele aqui, um poste, sem dar um pio, querendo falar comigo e sem saber por onde começar, que palavras usar. Por incrível que possa parecer, eu esperava por isso. De uns tempos para cá o velho andava muito estranho e me olhava de forma insistente. Respondia que nada, problema nenhum, se eu perguntasse o que estava havendo. Com toda a lástima dos entendimentos, era comigo que tinha mais aproximação. Apegou-se muito a esta casa depois que nasceu o primeiro neto. Seria, portanto, comigo que ele haveria de se abrir, se precisasse. Sempre foi de poucos amigos, talvez nenhum. E aconteceu. Eu era a sua única alternativa de ouvinte.

As coisas começaram a ficar difíceis para ele há dois

anos, com a morte de mamãe. Amanhecera branquinha demais da conta, como uma santa. Máquina cardíaca preguiçosa é moda na família. Passando dos cinquenta, o tal comboio de cordas começa a pedir penico. Foge à regra quem, antes de chegar ao estágio fatal, fine-se por outras mortes ou, voluntariamente, jogue-se à frente de um carro, meta uma bala na cabeça, tome um copo de veneno.

A velha, porém, tinha pavor às tragédias. Apegava-se com unhas e dentes às rezas fortes que lhe garantiriam imunidade a esses desatinos. Como uma santa, foi o que se disse. Justo ela, a quem costumavam pintar, quando estava espiritada:

É o cão em figura de gente!

### III

Sim, no dia de ontem. Ele estava no limite, teve que vir. E como era grande a sua vontade de falar. Ele que nunca foi de muito papo, evitava como podia o pote da comunicação. Seria de apostar que morreria de sede, mesmo a água até o pescoço.

Aposentado havia pouco tempo, não sabia o que fazer com os dias sem tamanho que se fizeram seus. Já que não tinha acesso a mamãe, morta, Dulce, sempre instável,

nem a Carlos, cujo paradeiro ninguém soube depois do enterro de mamãe, papai ficou perdido como cachorro no meio de procissão.

Acostumou-se então a ficar por aqui, no meio dos netos. Diariamente, chegando as crianças da escola, ele aparece. Feriados e fins de semana costuma chegar manhã cedo e despedir-se com a noite já alta, os meninos não aguentando mais de sono. Ao chegar, troca uma ou duas palavras com Sílvia, a nora, e vai brincar com os netos, o que nunca ousou fazer com as próprias crias. Admira-me onde arranjaram tamanha cumplicidade, tanto entrosamento. Quando estou em casa, escuto-os no quintal, aquelas combinações e risadas. Morro de curiosidade sobre a natureza dessas conversas.

#### IV

Não precisava ter sido assim, mas foi. Primeiro vocês não se falam. A ignorância mútua parece ser mais cômoda. Tempo seguinte, não se espantem: perderão a noção da própria existência e serão arrastados pela avalanche do silêncio que os enterra sem que se perceba. Assim na casa de meu pai. Não víamos a bola de neve da mudez passando com os anos por nós. Ninguém se salvou. Tocasse alguém

a campainha, indagando por um de nós, resposta mecânica: não sei, vou olhar. Acontecia da pessoa procurada estar sentada ao nosso lado, vendo tevê. Pior: às vezes, era o nosso próprio nome que fora mencionado. O sujeito à nossa frente lançava um olhar de espanto e não tínhamos, de fato, o que dizer.

Acredite, não brincávamos. Ou o fazíamos, mas era um jogo começado sem percebermos, que prosseguia sem sabermos quando terminaria.

O desentendimento era uma constante na casa de meu pai. Por essa desarmonia, não se desminta, entretanto, o ato de não se dar conta do outro. Não nos ofendíamos. Reclamávamos o incômodo como à parede ou aos móveis quando com eles nos chocamos.

Assim saíamos, assim chegávamos. As mãos afastando os que estavam à frente, bichos, trecos, pessoas. Naturalmente, tudo cedendo para dar passagem àquele ser anestesiado.

O espelho, naquela casa, tinha pouca utilidade. Estava determinado: se nos mirássemos nele, não nos veríamos. Eu mesmo me pergunto se alguma vez parei para especular ou conferir se aquele rapaz apático ali parado seria mesmo eu.

V

Às vezes, me impressiono ao ver gerações tão distantes se entendendo com tanta facilidade. Meio bobo, me encanto. Daria tudo para saber o que papai e os meninos conversam quando ficam nessa animação. Logo ele, que sempre foi ruim de conversa, está há meia hora falando, sem dar vez aos outros. Chegam os sons das vozes. Frases, palavras mesmo, é impossível discernir. Nem imagino.

VI

Ontem, papai estava à porta de meu escritório, encabulado. Vi mesmo a intenção dele querer voltar sem que eu notasse. Ele o faria, se não fosse tarde para desistir.

VII

Uma semana antes, tive motivos para boas risadas. A situação de sempre, eu louco para saber qual era a deles. Lá estavam, como agora, naquele zunzum dos diabos. Não suportando a curiosidade, lá fui eu, pé ante pé, até a casinha do cachorro bem próxima deles e de onde não

poderia ser visto. Me curvei o máximo, cuidando para que minha silhueta não me entregasse. Estiquei as orelhas em direção à voz do velho, vez ou outra interrompida pelas contestações dos netos. Palavra, não soube associar nada com nada. O certo é que tinha encontrado, creio eu, um dos segredos do entendimento: esse de sair de sua realidade e entrar em outra, seguir o seu ritmo, pensar sua lógica.

Foi quando me levantei. Juro: lamentei o quanto eles ficaram embaraçados. O modo como se olhavam e me encaravam era como tivessem feito algo errado e temessem pela repreensão. Então papai esboçou um sorriso, esperando com isso reaver a naturalidade das coisas. Mais atrapalhado ficou ao descobrir que esquecera de pôr a dentadura. Tentei ficar sério, mas não me aguentei. Procurou apoio nos parceiros: nada. Tinham aderido a mim na gargalhada. Levantou-se, sem jeito, apressando-se em nos livrar de sua figura engraçada.

## VIII

Ontem ele estava aqui. Ouvi quando perguntou por mim a Sílvia, depois os passos em direção ao escritório. Fingi não dar pelo vulto à porta, sua hesitação entre ficar

ou sair, só levantando a vista quando ele temperou timidamente a garganta.

Escrevendo, filho?

E perguntou como se dissesse: filho, dá pra gente conversar? Agora! Tinha que ser agora.

Troquei lentamente os olhos do papel para o rosto dele. Ele ria. Um sorriso que podia expressar tudo menos contentamento por alguma coisa.

Sim, papai, respondi. Tentando aqui escrever uma reportagem pro jornal, algo pretensioso, eu sei. Que faça o diretor se admirar e me oferecer a chefia de redação que vai ficar vaga com a viagem de um colega pro sul. A gratificação chega a dobrar o meu salário. Seria uma melhora e tanto nestes tempos difíceis.

É sobre o quê?

Uma rede de prostituição que está atuando nas universidades, muitos figurões envolvidos.

Não é perigoso mexer nisso?

Novamente voltei para o rosto que escondia outras intenções.

Sim, mas é preciso ousar uma vez na vida.

Ele ainda se mantinha de pé.

Sente aí. Como vai? Algum problema?

Nenhum, nenhum. Só Dulce com aqueles pantins.

Que há com ela? Tá sentindo alguma coisa?

Nada, nada. Você sabe, as frescuras de sempre. Aquelas coisas que de tempos pra cá ela não quer largar e só tem aumentado. A menina tá um caso sério, homem. Veja você, agora deu pra ficar o dia todo enfurnada no quarto fazendo pontos de tricô, crochê. Tem cabimento para uma pessoa que estudou para professora? Mando sair, espairecer, conversar com gente, nem me dá ouvidos. Agora, se mesmo assim dissesse que aquilo traz algum lucro, vá lá que fosse. Leva a vida a tecer e a desmanchar o que faz. Propus comprar linha, ela fazer as peças, eu vender. Não, ela quase gritou. Tentei ponderar, e ela: não, não, não quero, já disse. Me deixe, pai.

Eu olhava para ele, o rosto, os gestos, sem nada dizer, não lhe interrompendo o fluxo do desespero.

Não parava de falar.

Tá ficando cega, sabia? Quando sai é tombando sobre os móveis, quebrando o focinho nas paredes. Chamo para ir ao oculista e a resposta é não. Deu a moléstia, meu amigo. Parece menino safado. Se eu me dirigir a ela, já está pronta pra me contrariar. Mal apareço e o velho não vem se espatifar na minha cara. E grita. Grita como se eu quisesse matá-la.

Não me olhava, perturbado, a voz querendo se prender na garganta.

Tenho que me aguentar para não estourar, homem



de Deus. Até quando, não sei. Para acabar, virou rotina o entra e sai de vizinhos lá em casa. Eles se fingem interessados em qualquer coisa, pedir algo emprestado, uma consulta qualquer, a data da próxima vacinação de idosos, sei lá. Cada vez mais folgados, entram, sentam e espicham os olhos pro quarto de tua irmã: sua filha, seu Jailson... hein? O senhor... o senhor... bate nela?

Riu com meu esboço de riso.

Para você ver. Me diga quando foi que levantei a mão pra um de vocês, principalmente pra ela, que é mulher. Ah, santa mãe, aquela menina... Mulherzinha amarga, arre! Nunca vi tanto desgosto sem razão nenhuma. Tudo o que quiser ela tem. O pior é que às vezes tem me reinado soltar-lhe o braço por cima do lombo. Só não faço porque respiro fundo e penso duas vezes. Mas que ela pede, isso pede. Que loucura, meu Deus. Hoje, tenho certeza: o problema dela é mesmo falta de...

Ia especificar. Lançou-me um olhar cismado, à procura de cumplicidade para o palavrão que ia sair. Como não encontrasse, desviou a vista. Hesitou, tentando outra vez, arranjou um meio riso de malícia e generalizou:

...homem!

Curioso, ele se curvava. Seguindo qualquer pausa em nossa conversa, velho ritual: não ousava olhar de frente. Se curvava, cumprimentava o assoalho. Simulava caçar uma

peça que ninguém via. Esse estranho objeto que ninguém, nem mesmo os cegos, pode identificar. Demorava alguns segundos assim para depois se erguer com um sorriso trazido não sei de onde.

Qualquer pessoa haveria de estranhar os gestos de meu pai. Eu, não. Eu entendia tudo. Ele certamente tentava em vão colher aquele silêncio que sempre caiu entre nós.



**FICÇÕES**

**BIBLIOTECA F**

*Esta obra foi composta em Minion  
e impressa sobre papel Pólen Bold 90 gr  
em janeiro de 2015*